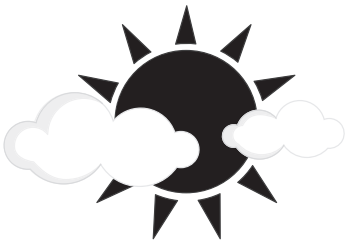
Nasci, cresci e fui educada no distrito de Leiria. Todos os espaços que são abordados nesta narrativa são reais. São locais pelos quais passei, que me proporcionaram muitas memórias, pelos quais tenho grande estima.

Todavia, é importante referir que, apesar de esta história conter muitos aspetos de ficção, nomeadamente o romance, o drama e a ação em si, muitos vestígios aqui presentes fazem parte da minha vida pessoal.

Para ti, que lutas diariamente pela tua felicidade.
Para ti, que não deste importância nenhuma à frase anterior,
por não acreditares que lutas, *verdadeiramente*,
pela tua felicidade.



Prólogo

Tudo aquilo que conhecia destruiu-se.

Quando acordei permiti-me acreditar que o dia iria ser feliz. Era o teu dia, como poderia não ser o melhor? Depois percebi que não seria bem assim.

Ouvi o vidro das janelas a partir-se.

O cheiro a fumo começou a invadir as minhas narinas.

Tudo à minha volta saltava, mas não era de alegria.

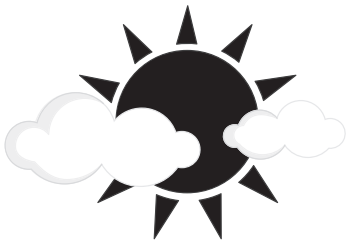
Tudo à minha volta gritava, mas não era de contentamento.

Todo o meu corpo se retesou em modo de fuga ou luta. Algo não estava bem.

Vi a minha melhor amiga estendida no chão. Todo o meu universo parou naquele momento, mas apesar da dificuldade em respirar, consegui reparar em algo que me atormenta…

Primeira Parte





Segunda-feira, 19 de setembro

Acordo de repente entre o susto e a alegria fugaz de te ver, ainda que em sonhos. Há muito tempo que não sonhava contigo… Aquela noite mudou a minha vida por inteiro e criou uma espécie de fronteira: antes e depois de ti.

Estou a olhar para o teto de um edifício completamente desconhecido para mim, mas és tu que estás na minha cabeça, no meu pensamento.

A porta branca do meu quarto, neste momento encoberta pela sombra da noite, acaba de se abrir sozinha.

Medo.

Quem será?

— Solange, peço desculpa por acordá-la a esta hora, mas chegou a sua companheira de quarto.

A responsável pela residência de estudantes desvia-se para deixar entrar uma rapariga de cabelo pelo meio das costas, vestida de cores garridas, e ainda refere que vem de Timor-Leste.

— *Hello. How are you?* — pergunta-me a rapariga com um olhar feliz.

Ai, pelo amor de Deus. Quero dormir, só me faltava agora ter de falar em inglês.

— *Hello. Don't you speak portuguese*? — Tento parecer o mais simpática possível.

— Um *'cadito*. — responde envergonhada.

— *Hello*! — Outra voz esganiçada. O que é que uma quarta voz está aqui a fazer?

— Quem é que está aí?

A responsável acende a luz do quarto, cegando-me temporariamente.

— É a amiga da sua colega de quarto. Elas têm medo de estar sozinhas e, por isso, tencionam dormir juntas. Pelo menos esta noite.

Aceno com a cabeça, mesmo contrariada, e reparo, enquanto elas entram por aqui dentro, envergonhadas, que não vestem o pijama e que acabam, ao fim de uns segundos, por se deitar por cima da roupa da outra cama, utilizando um cobertor para se taparem. Não seria mais prazeroso dormirem aconchegadas no quentinho que os lençóis emanam? Talvez, mas estou tão cansada que não quero saber.

Acabam por adormecer antes de mim e, num rebate de consciência, penso que nem sequer lhes perguntei o nome.

Viro-me para o outro lado e tento dormir.

Acordo com um barulho ensurdecedor. Será um trator prestes a passar por cima de mim? Tenho um olho colado e o outro semiaberto e percebo, finalmente, do que se trata. As minhas novas «amigas» abriram os estores.

— Vocês são malucas, ou quê? Baixem já essa porcaria! — grito.

— *Oh, too much*? — A minha companheira de quarto parece genuinamente surpreendida, mas eu mal consigo olhar para a cara delas.

— Não vês que eu ainda estou a dormir? — Olho para o relógio do telemóvel para ver as horas. — São seis da manhã!

— Gostamos de acordar cedo. — Mostra-me os dentes branquíssimos num sorriso genuíno que não me comove.

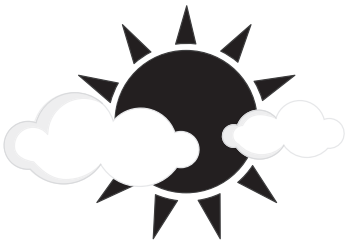
— Da próxima vez que acordares assim tão cedo, sais do quarto e deixas-me dormir. Está bem?

Antes que eu possa pedir desculpa, ou, pelo menos, ganhar alguma noção, pela minha agressividade, elas desaparecem porta fora.

Ainda tenho duas horas para dormir, mais duas horas para interiorizar o que será a minha vida nos próximos três anos.

Talvez tenha sido um pouco dura.

Talvez por estar tão nervosa com esta nova etapa da minha vida. Ou por ter sonhado contigo. Connosco.



Minha Lua,

Voltei a sonhar contigo. Algo que não acreditava ser possível que acontecesse novamente, principalmente nesta fase da minha vida, no dia em que cheguei à universidade. Estou feliz porque saí da nossa terra e entusiasmada por saber que vou conhecer caras novas. Estranho, eu sei. Tu sabes que eu tenho dificuldade em ser sociável, no geral, mas há uma parte de mim que simplesmente não consegue sorrir. Está enterrada lá no fundo e não lhe consigo chegar.

Embora não queira que este sonho me afete ainda mais, sei que é impossível evitar que isso aconteça. Preciso que saibas que me recordo perfeitamente daquela quinta-feira terrível. Horripilante. Distante. Um dia que ficará, para sempre, na minha memória.

Era, à partida, um dia supernormal, com aquelas aulas chatas que tínhamos todos os dias. Mas, ao mesmo tempo, sabia que não era um dia qualquer. Simplesmente não era. Aperaltei-me toda para celebrarmos o teu décimo aniversário, apesar de saber que iria passar mais tempo de pijama do que propriamente com aquela roupa espalhafatosa, visto que ficaria a dormir em tua casa. Lembro-me perfeitamente da incerteza que a minha mãe sentia em deixar-me ir à tua festa. Era um dia de semana e no dia seguinte tínhamos aulas. Pensávamos nós…

Mas ela sabia que eras tu…

E tu não eras uma pessoa qualquer…

No fim do dia, berravas comigo para eu me despachar a vestir o pijama, porque já estava na hora de jantar. Continuo a rir-me ao recordar-me de como eras rezingona.

Sei que não fazias nada com maldade, porque era, acima de tudo, algo que fazia parte de ti. Tanto tu como os teus pais não sabiam falar baixinho. Era tudo em grande e sempre com enorme entusiasmo. Ninguém imaginava como aquele ambiente caloroso me fazia sentir em casa. Não é que não me sentisse assim na minha, mas sempre foi diferente.

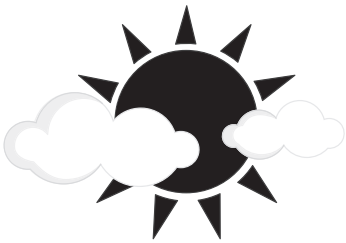
O teu pai era a pessoa mais divertida que alguma vez conhecera. A tua mãe, a mais querida. Já os meus pais eram… e são… tu sabes…

Nessa noite, todos se riram com o facto de eu ter derrubado o frasco de piripiri na mesa. A minha cara começou a arder de tanta vergonha, mas eu sabia que não se riam com o intuito de me envergonharem. Riam-se, apenas, por gostarem de mim e por sentirem que fazia parte da família.

Não me esquecerei seguramente do momento em que fomos acordadas pelo barulho e saíste disparada do quarto para tentar perceber o que se passava.

Quando voltaste… Não sei o que me assustou mais…

Não sei se foi o pânico que se espelhava pela tua cara ou o estrondo que ouvi no segundo a seguir…



Segunda-feira, 19 de setembro

Fechei a porta. Com mais força do que deveria, provavelmente.

Mas quem é que quer saber, na verdade?

Porque eu não quero.

Viro-me, para ficar frente a frente com a porta, mais uma vez, com o intuito de voltar a isolar-me, mas arrependo-me assim que toco com a mão na maçaneta. Não posso e não quero ser uma cobarde. Ainda que a minha vontade seja mínima, tenho de enfrentar aquele que será o meu primeiro dia. O primeiro dia numa universidade. O primeiro dia a cruzar-me com pessoas com as quais não tenho ligação nenhuma. O primeiro dia a fingir que não sou uma anormal.

A minha barriga começa a fazer uns barulhos estranhos. Detesto quando isto acontece, principalmente em momentos nos quais desejo e imploro aos céus para que não aconteça. Tenho a sensação de que todas as portas deste longo corredor me conseguem ouvir neste momento.

É agora.

Dirijo-me à cozinha e reparo que estão algumas raparigas a ocupar a única mesa ali existente.

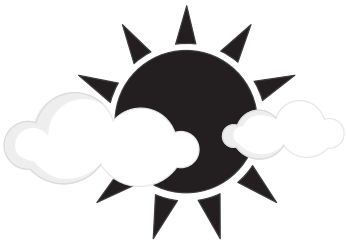
— Bom dia! — Espero, especada a olhar para elas, que me respondam; estão tão entretidas na conversa que nem me ouvem.

Tento disfarçar o meu embaraço abrindo o frigorífico, onde arrumei a comida que trouxe da casa dos meus pais, e decido tirar uma banana.

— Olá, bom dia! — Uma delas decide finalmente responder-me ao fim do que me pareceu ser meia hora. É morena, de olhos castanhos e cabelo encaracolado. É muito bonita. Mas o que se destacou mais, assim que olhei para ela, foram aquelas bochechas enormes. Dá vontade de apertar, como costumam fazer os mais velhos no Natal, não poupando uma criança que se atrevesse à sua frente.

Sorrio para ela.

Está na altura de ir andando, este vai ser um longo dia.



Lua,

Hoje é o dia.

É o primeiro dia do resto da minha vida.

Confesso-te que estou numa pilha de nervos. Estou a tentar controlar-me, mas é bem mais difícil do que imaginei.

Ontem os meus pais trouxeram-me até Leiria. Gostaria de poder dizer que foi uma viagem curta, mas não foi. Foram os trinta minutos mais longos da minha existência. Sinto até que passou uma vida inteira por mim. Eles tentaram conversar comigo para desanuviar o ambiente, mas não lhes dei hipótese. Não conseguia falar. Ainda tentei parecer animada, mas não consegui. E tu sabes… que não faz parte de mim fingir.

Quem me dera que tivesses visto… A minha mãe olhava, maravilhada, para todos os prédios. O meu pai, embora mais contido, lá no fundo, também se sentia animado. Por outro lado, senti que estavam ansiosos por se irem embora, sabes? Abriram o porta-bagagens com imensa rapidez… só desviei os meus olhos por uns segundos… e quando voltei a olhar para eles, já estavam mais do que prontos para entrarem no local que seria a minha residência nos próximos tempos.

Depois de ter tratado da papelada que estava em falta e de receber a chave do meu futuro quarto, lá subimos até ao quarto andar. Lua… quarto andar! Estás a imaginar-me a subir e a descer estas escadas todos os dias durante três anos? E muito provavelmente mais do que uma vez por dia? Podes ter a certeza de que ainda estou a assimilar esta ideia… e está a custar imenso!

Estou muito pensativa, sabes? Mais do que o costume.
Ontem os meus pais aproveitaram para me dizer algo que nunca tinham dito:

> «Sabemos que estes últimos anos têm sido muito complicados para ti, Solange. Para nós também, acredita. Muito mesmo. Achamos que o facto de te distanciares de casa vai ajudar bastante na tua evolução pessoal. Só queremos que consigas crescer num ambiente muito mais tranquilo. Queremos que estejas, mas que, principalmente, sejas feliz. Aqui em Leiria, ninguém te reconhecerá. Vai ser bom para ti, para que o teu dia a dia possa ser passado da melhor maneira possível.»

Acreditas que fiquei sem saber o que dizer? Não estava à espera de ouvir algo assim saído da boca do meu pai. Do meu próprio pai! Eles são sempre tão sérios e praticamente nada comunicativos. Não costumam, de todo, mostrar as suas emoções.

Tudo o que senti naquele momento foi expresso no maior abraço que alguma vez dei a alguém. Só espero que eles tenham percebido como preciso e gosto deles.

Olha… quero que saibas que não segui o curso de medicina veterinária… Não vou cuidar dos animais, tal como os mil e um gatos e cães que tenho em casa cuidam de mim… Para os meus pais, cuidar dos animais como os médicos cuidam das pessoas não é, de todo, a melhor escolha de profissão. Então, acabei por vir estudar gestão. Não tem nada a ver uma coisa com a outra, mas nem tudo segue segundo o esperado, claramente… Caso contrário, ainda aqui estarias, ao meu lado. Por isso, aqui estou eu.

Sinto que os meus pais não conseguem esquecer tudo o que aconteceu. Por um lado, isso magoa-me… muito, mesmo… Mas numa outra perspetiva, compreendo-os melhor do que ninguém. Nunca, em qualquer circunstância, irei desprezar o dia que mudou toda a minha vida. Não só por mim, mas por todos aqueles que contribuem, diariamente, para a minha (quase) felicidade. Contudo, questiono-me imensas vezes, Lua… Será que não tencionam esquecer? Ou não querem deixar-me esquecer?

Porque o que realmente preciso, no meio disto tudo, é de saber o que te aconteceu…